

Televisão, Conhecimento, Cidadania e Sociedade: a Revista da ABTU

Em 1996, o sociólogo francês, Pierre Bourdieu, foi convidado pelo jovem canal de TV “Paris Première”, a ministrar um curso difundido por toda a França. Os estudiosos da Comunicação, particularmente o pequeno exército de pesquisadores dedicados ao estudo da Televisão, conhecem bem o episódio, pois o tema escolhido pelo eminente professor do renomado Collège de France não foi outro, senão a própria Televisão. Nestas aulas, transcritas no livro *Sur la Télévision*, leitura introdutória fundamental ao assunto, Bourdieu se alonga nas justificativas da sua aceitação em participar do programa, pois devia o merecido cuidado de esclarecer o seu público da aparente contradição entre a sua ácida crítica a este meio de comunicação e o fato de apresentá-la justamente ali, frente às câmeras da TV e, potencialmente, para toda a audiência do país.

A situação vivida pelo professor era, de todo, desconfortável: suas reflexões estavam baseadas, justamente, na constatação de que os objetivos da produção técnica e estética da TV impunham uma sutil e especial forma de censura a qualquer forma de discurso divergente e crítico. O controle rigoroso do tempo, a necessidade de manter imagens dinâmicas e atrativas nas telas, garantindo a concorrência com outras emissoras, congelando os olhares da audiência, inibindo o impulso da troca de canais, tudo o que cerca a produção e difusão do sinal televisivo, enfim, criaria condições fortemente padronizadas para o que se pode dizer, censurando qualquer outra forma de expressar o pensamento. Por outro lado, explica, o intelectual é, nos termos de Husserl, “um funcionário da humanidade”, a quem se reserva a obrigação de restituir à sociedade o conhecimento, as descobertas e as artes que desenvolve. Bourdieu não tem dúvidas de que a TV é o meio potencialmente mais habilitado a fazê-lo. Se pouco por sua forma de produção, estruturalmente, em suas palavras, censurada, ao menos pelo potencial de alcance social garantido pelas suas condições técnicas.

Coloca-se, então, frente a um delicado dilema. Dilema circunscrito pela sua obrigação de falar ao público da TV e seu dever de ofício em não se submeter àquela censura denunciada. A solução, relatada no livro, vem da definição de uma série de condições para a gravação: a não imposição do tema pela produção do programa, decidido livremente por ele próprio; a não limitação do tempo; não submeter-se, por fim, às conveniências técnicas e da linguagem, ainda que ali se fizessem presente em nome de um bem-fazer TV.

Como devem ter percebido todos os leitores do relato de Bourdieu, um desafio e tanto para os diretores, roteiristas, programadores e técnicos. Apavorante, certamente, para a maioria dos profissionais de TV. O desafio foi enfrentado, como conta discretamente em uma ou duas linhas do início do primeiro capítulo, não pelos produtores da emissora, mas pela competente equipe do serviço de produção audiovisual do Collège de France, que soube compatibilizar as condições impostas pelo professor, com toda justiça às suas reflexões sobre o meio televisivo, às necessidades básicas da difusão via TV. Não é de se surpreender, ainda que o texto não destaque tal fato, que apenas uma equipe formada na radicalização da crítica à sua

própria atividade profissional tenha conseguido levar a termo o desafio. Não é, tampouco, surpreendente que essa equipe tenha sido formada dentro uma instituição universitária tão destacada, como o Collège.

Essa pequena história das aventuras de um sociólogo na TV deve resumir boa parte do que se espera de uma emissora de Televisão Universitária: que seja capaz de reunir a crítica intelectual, ainda absolutamente desejável ao trabalho acadêmico, a um fazer tão melindroso como o da TV; que seja instrumento de inovação das linguagens, das técnicas, dos formatos da TV, dialogando intimamente com a pesquisa, interagindo organicamente com a Universidade; que seja capaz de tomar o conhecimento científico sobre a natureza, a sociedade e as pessoas como matéria-prima para o desenvolvimento de uma comunicação de massa realmente comprometido com a cidadania, contribuindo para que a TV, parafraseando Bourdieu, possa realizar plenamente o seu potencial para ser “um extraordinário instrumento de democracia” impedindo que se converta em um “instrumento de opressão simbólica”.

A TV Universitária brasileira e todas as demais emissoras do campo público vêm lutando, contra toda sorte de dificuldades, é certo, para desempenhar esse papel em nossa sociedade, buscando ocupar um espaço significativo nas mentes e olhares da audiência televisiva e no cada dia mais complexo âmbito da mídia massiva. Os sucessivos “Fórum de TV Universitária Brasileira”, promovidos pela ABTU, mostram o amadurecimento do segmento, que, passadas as dificuldades iniciais de instalação da maioria das emissoras, procuram, mais e mais, aproximar a TV, de fato e de direito acadêmicas, da Universidade. Deve-se destacar, aqui, as dificuldades enfrentadas diariamente por professores e estudantes ligados às TVU, pois o tempo demandado pela instalação e manutenção da qualidade das TVs é, sistematicamente, subtraído das inúmeras outras demandas acadêmicas, que, não raro, continuam a ser exigidas.

Por outro lado, ironicamente, a grande maioria dos projetos de TV Universitária são fruto das atividades de pesquisa destes profissionais, aos quais faltava um ambiente adequado para a divulgação e troca das investigações, de seus testes em ambiente real, de sua conceitualização e resultados. Faltava! Pois, os nossos Fóruns paulatinamente transformaram-se, incorporando, pouco a pouco, a divulgação dos trabalhos de pesquisa dos colegas, contribuindo para demonstrar o vigor acadêmico que impera nas emissoras universitárias, digno das instituições que as mantêm.

É no coroamento desta nova fase da TV Universitária brasileira que a Associação Brasileira de TVs Universitárias se orgulha em apresentar sua Revista da ABTU, periódico que refletirá o empenho de pesquisadores brasileiros em aproximar mais intimamente a universidade da sociedade, fazendo da televisão pública um instrumento de democratização do conhecimento, fortalecendo diariamente a cidadania.

A todos, uma boa leitura!

Prof. Hélio Solha

Presidente do Conselho Editorial